



A Ontologia da Semiformação em tempos de neoliberalismo

Ontology of Semiformation in times of neoliberalism

Bruno Pucci¹

Resumo: Este artigo se propõe estabelecer um diálogo com o ensaio Teoria da Semiformação, de Theodor Adorno, escrito em 1959, no contexto do capitalismo do bem-estar social. O objetivo é ressaltar sua atualidade na abordagem da crise da formação cultural contemporânea, em que prevalece a forma de capitalismo neoliberal e, ao mesmo tempo, detectar novas nuances constitutivas da referida teoria nesse momento histórico. Nessa trajetória, o texto percorrerá os seguintes passos: a Teoria da Semiformação como um diagnóstico da crise da formação cultural no final da década de 1950; as formas de como a ontologia da semiformação se constitui em tempos de neoliberalismo; as novas roupagens com que essa crise cultural vai se instalando progressivamente nas salas de aulas; e a necessidade de se lhe contrapor novas manifestações de resistência. O artigo buscou apoio teórico em Dardot e Laval (2016) para captar as especificidades do neoliberalismo contemporâneo.

Palavras-chave: Teoria da Semiformação; capitalismo neoliberal; Crise da formação cultural; Theodor Adorno; Dardot e Laval.

Abstract: This article proposes to establish a dialogue with Theodor Adorno's Theory of Semiformation, written in 1959, in the context of social welfare capitalism. The objective is to emphasize its relevance in addressing the crisis of contemporary cultural formation, in which the form of neoliberal capitalism prevails and, at the same time, to detect new constitutive nuances of this theory in this historical moment. In this trajectory, the text will follow the steps: Semiformation Theory as a diagnosis of the crisis of cultural formation in the late 1950s; the ways in which the ontology of semiformation is constituted in times of neoliberalism; the new forms this cultural crisis is progressively installing itself in the classrooms; and the need to counter new manifestations of resistance. The article sought theoretical support in Dardot and Laval (2016) to capture the specificities of contemporary neoliberalism.

Keywords: Semiformation theory; neoliberal capitalism; Crisis of cultural formation; Theodor Adorno; Dardot and Laval.

O semiculto dedica-se à conservação de si mesmo sem si mesmo (Adorno, 1959).

Ir para uma boa escola, um bom curso, uma boa classe, se tornou mais do que nunca o fator essencial do sucesso escolar e da ascensão social (Laval, 2004).

¹ Professor Titular da UNIMEP. Pesquisador Sênior do CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação – UNIMEP. <puccibru@gmail.com>

Detlev Claussen, em seu texto “Catástrofes Civilizatórias, Experiência e Teoria Crítica da Sociedade” (2016), nos diz que “a linguagem da Teoria Crítica não é o alemão, o inglês e sim a dialética” e que a “experiência social e histórica” que a constitui é seu “núcleo temporal da verdade”, ou, na expressão de Hegel, “seu tempo apreendido através do pensamento”. Corremos o risco de transformar a Teoria Crítica em uma teoria tradicional se não levarmos em conta a orientação hegeliana e continuarmos apenas a repetir conceitos e categorias criadas por seus pensadores na análise das tensões do aterrorizante século XX (CLAUSSEN, 2016, p. 16-18). É verdade que reflexões desenvolvidas por Adorno na década de 1940, bem como outros escritos seus da década de 1960, gozam de uma atualidade notória, como Claussen reconheceu ao retomar aforismos das *Mínima moralia* (1944-1947), “cuya actualidad – diz ele -- salta a la vista ... sesenta años después de su primera redacción”, e da *Dialética Negativa* (1966), em que: “Las “Meditaciones de metafísica” de Adorno, escritas hace más de cincuenta años, resultan hoy notablemente más actuales que em 1966, cuando fueron formuladas y apenas entendidas” (idem, 2010, p. 17; 19). As análises e reflexões de Adorno no século passado ganham força e vida nova, se tensionadas com as contradições sociais e históricas experimentadas na contemporaneidade. Isso porque os juízos e os conceitos também vão construindo sua história; e porque a Teoria Crítica da Sociedade possui um núcleo temporal que deve ser levado em consideração quando se quer atualizá-la.

O texto que ora apresentamos é uma proposta de diálogo com o ensaio Teoria da Semiformação, de Theodor Adorno, escrito em 1959, no contexto do denominado capitalismo tardio. O objetivo é, de um lado, ressaltar sua atualidade na análise da crise da formação cultural nos dias de hoje, em que prevalece outra forma de capitalismo, a neoliberal, e detectar novas nuances que caracterizariam a referida teoria neste momento histórico.

O ensaio *Theorie der Halbbildung*, tido por muitos como o mais denso e substancioso texto educacional de Adorno, a cada atenta leitura desvenda perspectivas fecundas e instigantes, dantes não manifestas e nem imaginadas. O texto se expressa predominantemente em forma de um diagnóstico da “crise da formação cultural”, cujos sintomas, no final da década de 1950, “se fazem observar por toda parte”, não apenas na Alemanha, até “mesmo no estrato das pessoas cultas”; sintomas que vão além

“das insuficiências do sistema e dos métodos da educação”, atingem de forma impetuosa a sociedade como um todo e apresenta indícios que a orientam à barbárie. A formação cultural se converteu “em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado”; e, apesar de todo esclarecimento e informação difundidos pelas tecnologias de comunicação e, inclusive com a ajuda delas, da indústria cultural, “a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual” (ADORNO, 2010, p.8-9).

Mas qual é a ontologia constituinte dessa configuração totalitária, que atinge toda a sociedade em suas diferentes expressões e manifestações? Para compreendê-la adequadamente é preciso conhecer mais de perto o que os alemães entendiam historicamente pelo seu antípoda, a *Bildung* (cultura/formação). O ensaio, em análise, apresenta algumas indicações. O termo *Bildung* se constitui na tensão entre duas características: a autonomia do sujeito, sua postura espiritual; e a conformação à vida real, a integração na sociedade de seu tempo. É o que Adorno chama “duplo caráter da cultura”, da formação. “A formação tem como condições a autonomia e a liberdade. No entanto, remete sempre a estruturas previamente colocadas a cada indivíduo em sentido heteronômico e em relação às quais deve submeter-se para formar-se” (idem, 2010, p. 9; 11; 20-21).

Se, na análise de um fato cultural ou de uma atitude ética, se destaca apenas a ideia de cultura/formação como sagrada, como elevação do espírito, em oposição à práxis, à vida real dos homens, então se absolutiza uma das dimensões da *Bildung*, que, no caso, se transforma em semiformação, em espírito alienado. Adorno traz, no ensaio, uma observação inquietante de Max Frisch de que “havia pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e, no entanto, puderam encarregar-se tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo” (idem, 2010, p. 10). Essa terrificante postura humana é ratificada por Rosa Sala Rose, em seu livro “El misterioso caso alemán” (2007), na narrativa sobre Ruppert, um mero funcionário no campo de concentração de Dachau. Ruppert, em sua vida privada, era tido como um bom pai de família e um bom marido; uma fotografia o mostra brincando na praia com seus filhos e carregando nos braços um animalzinho ferido, encontrado no bosque, que, segundo sua mulher, ele pensava em curar e criar em seu próprio jardim; em outra foto, ele aparece tocando violino, um instrumento difícil de ser manuseado e que exige uma sensibilidade apurada. Homem de formação acurada, que, como outros tantos compatriotas de sua época, certamente

conhecia e amava Mozart, Beethoven, Goethe e Schiller. Como trabalhador, Ruppert demonstrou ser um empregado fiel à autoridade, dotado de um acurado sentido de dever e, por iniciativa própria, apresentava certa dose de criatividade. No serviço no campo de Dachau, por exemplo, empapou com gasolina a barba de um prisioneiro recém-chegado e a incendiou com um acendedor. Também golpeou um professor chamado Feierabend, de oitenta anos de idade, por não ter seguido as normas do campo e ter caído enquanto a revista era feita (ROSE, 2010, p. 13-14). A dissociação entre o momento do espírito e a integração nas relações sociais de produção é, para Adorno, uma das manifestações clarividentes de semiformação.

Por outro lado, se na *Bildung* se destaca unilateralmente o momento da adaptação, se a formação for entendida apenas como conformação à vida real, então desfaz-se a tensão entre os dois polos e prevalece o momento do conformismo social. E, da mesma maneira, a *Bildung* se transforma em *Halbbildung*. Em tempos do modo capitalista de produção, em qualquer uma de suas formas específicas, predominou o momento da integração dos homens na luta pela sobrevivência, no contexto da marcha da história em direção a uma sociedade cada vez mais administrada; destacou-se o *desideratum* da acomodação.

Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas – sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação –, cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva. (idem, 2010, p. 11)

Nessa perspectiva, a semiformação não se caracteriza como um meio caminho à formação e sim como um empecilho à formação. Em se tratando de arte, bem como de cultura, não existe um termo médio, um semientendido, um semiexperimentado; “o entendido e experimentado medianamente ... não constitui o grau elementar da formação e sim seu inimigo mortal”. Elementos semiformativos “se transformam em substâncias tóxicas ... fortalecem a reificação da consciência”. O semiformado, satisfeito de si, dificilmente se abre para outras concepções que contrariem seus interesses (idem, 2010, p. 29; 19).

O conceito *Bildung*, mesmo expressando, desde seus inícios, uma certa ambiguidade em sua constituição histórica, carrega em si elementos críticos e emancipatórios, como nos mostra o ensaio de Adorno: “sua

realização haveria de corresponder a uma sociedade burguesa de seres livres e iguais”; “a formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mas lúcido o todo”; a formação cultural no século XVIII continha “fermentos de crítica e de oposição contra os poderes estabelecidos”; “Sem a formação cultural, dificilmente o burguês teria se desenvolvido como empresário, gerente ou como funcionário”; (ADORNO, 2010, p. 13-14; 33).

Qual o contexto econômico-social em que Adorno detectou o fenômeno da semiformação socializada? O ensaio educacional de 1959 foi elaborado em tempos do capitalismo do bem-estar social, em que o Estado realizou intervenções decisivas no mercado no sentido de propiciar condições sociais menos selvagens às classes dominadas, após as catástrofes da segunda guerra mundial e da gestão nazifascista. Da conferência inaugural do 16o Congresso dos Sociólogos Alemães, de 1968, “Capitalismo Tardio ou Sociedade Industrial”, proferida por Adorno, podemos extrair algumas características desse momento histórico, entre elas: a expansão das corporações multinacionais, dos mercados e do trabalho, do consumo das massas; a melhoria no padrão de vida e, como consequência, uma menor visibilidade das diferenças de classe; as relações entre o intenso desenvolvimento tecnológico e a superprodução; a redução do emprego industrial e o aumento do setor dos serviços; a canalização do desenvolvimento tecnológico a serviço do lucro, do poder e da invenção de meios destrutivos; o trabalho industrial como modelo de sociedade na criação de procedimentos-padrão, que se expandiram para as esferas da administração, da cultura; a ampliação da intervenção estatal na atenuação dos antagonismos sociais e na promoção de serviços públicos nas áreas socioculturais e trabalhistas; a intensificação dos meios de comunicação para atuar ideologicamente sobre as massas (ADORNO, 1986, p. 63-69; 71-73).

Algumas dessas nuances do capitalismo de Estado, que colaboraram fortemente na deterioração da cultura/formação, deixam-se transparecer nas linhas do ensaio educacional em análise. Adorno expõe diversas constatações críticas, que expressam uma notória atualidade. Cito algumas: “o progresso evidente, a elevação geral do nível de vida com o desenvolvimento das forças produtivas materiais não se manifesta nas coisas espirituais com efeito benéfico”; “as desproporções resultantes da transformação mais lenta da superestrutura em relação à infraestrutura aumentaram o retrocesso da consciência”; “dizer que a técnica e o nível de

vida mais alto resultam diretamente no bem da formação, pois assim todos podem chegar ao cultural, é uma ideologia comercial pseudodemocrática” (idem, 2010, p. 26-27).

Constata ainda que milhões de pessoas, que antes nada conheciam desses bens culturais e que agora se acham inundadas por eles, estejam muito precariamente preparadas para acolhê-los, pois “foram excluídos do privilégio da cultura”, foram-lhes negados “os pressupostos reais para a autonomia que o conceito de formação cultural ideologicamente conserva”; e, sobretudo, “a desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio”, o tempo livre. E, conclui o filósofo: “Nada do que, de fato, se chama formação, poderá ser apreendido sem pressupostos” (idem, 2010, p. 14; 16-17; 30).

Adorno faz uma clara distinção entre a não-cultura, como mera ingenuidade e simples ignorância, e a semiformação. Aquela, em virtude de uma relação imediata com os objetos e do potencial de ceticismo, engenho e ironia dos ainda não inteiramente domesticados, tornava possível aos não-cientes a sua elevação à consciência crítica. “Eis algo fora do alcance da semiformação cultural”, reforça o frankfurtiano. E, a seguir, destaca algumas condições sociais para a formação que foram sendo esmaecidas no processo de *desencantamento do mundo* perpetrado pela racionalidade burguesa: a *perda da tradição*, “que resultou em um estado de carência de imagens e formas, em uma devastação do espírito”; o *enfraquecimento da autoridade* do pai e do professor, que faziam a mediação entre a tradição e os sujeitos; e a conseqüente debilitação da autonomia dos educandos; o *desprezo pela memorização*, pelo ato de aprender de cor; com isso, se privou “o intelecto e o espírito de uma parte do alimento de que se nutre a formação”; “o *homem de espírito ... um caráter em extinção*”; a *desvalorização da filosofia*, mesmo que idealista, que permitia ao educando o estranhamento, o espanto, a suspeita: “a irrevogável queda da metafísica esmagou a formação”; a *atrofia da espontaneidade*, daquela energia que insuflava o ser humano a ir além de si mesmo, e que se transformou em uma formação cultural controlável, em normas e qualificações administradas; o *definhamento e a substituição de imagens religiosas* pelos ícones da indústria cultural: “as estrelas de cinema, as canções de sucesso com suas letras e seus títulos irradiam um brilho igualmente calculado”; a *eliminação dos momentos de diferenciação*: “como formação cultural e diferenciação se equivalem, se se eliminam os momentos

de diferenciação ... em seu lugar aparece um sucedâneo”; o diferente não é mais compreendido, o particular é insignificante; prevalece a identidade e a generalidade (ADORNO, 2010, p. 21-26)².

Numa sociedade “virtualmente desqualificada pela onipotência do princípio de troca”, o que prevalecia era o poder do mercado, enquanto um todo, sobre o indivíduo e a ausência de uma totalidade justa reconciliada com o individual (idem, p.10; 13). Nessa perspectiva, a semiformação se manifestava como forma dominante da consciência e atingia o homem em todas as suas dimensões: intelectual, sensorial, moral, cultural. O espírito é danificado pela prevalência de uma visão ideológica e conformista da vida, do mundo e da sociedade; o homem da massa não pensa com a própria cabeça, não fala com a própria boca; os meios de comunicação pensam e falam por ele. Seus sentidos são adulterados pelos insistentes apelos sonoros da atraente sereia da indústria cultural. Adorno traz, no texto, o caso de um escritor norte-americano que colocava letras nos principais temas sinfônicos para que as pessoas, tidas como cultas, reconhecessem de pronto as obras dos grandes compositores; e, frequentemente, as letras expressavam assuntos estranhos aos temas musicais. Sua reação contra “essa explosão de barbárie, que com certeza prejudicou a consciência musical de milhões de pessoas” é violenta. Diz ele: “Eis um aspecto que, se qualificarmos como satânico, ainda estaremos sendo delicados” (idem, 2010, p. 30-31). Nomeio dois ensaios dos anos 1940, em que Adorno, na ocasião exilado, aborda, de forma fenomenológica, a reação danificada dos ouvintes frente aos refrões das músicas de rádio da época: o primeiro, em 1938, “O Fetichismo da Música e a Regressão da Audição” (1999); o segundo, em 1941, “Sobre Música Popular” (1986).

Como vimos, a Teoria da Semiformação foi escrita em 1959, tempos em que seu país se contrapunha criticamente a seu recente passado, construía uma sociedade democrática, com a intervenção favorável do Estado nas questões sociais e culturais dos assalariados. Estamos agora no século XXI, quase sessenta anos após a primeira versão do ensaio. O modo capitalista de produção, neste período, foi assumindo progressiva e abruptamente uma nova forma de se constituir, mais autoritária e opressiva, com apoio ostensivo das ciências e das tecnologias digitais, em prejuízo das conquistas sociais dos trabalhadores no período anterior. Nessa nova

² Cfr. PUCCI, 1995, p. 38-41; PUCCI, 1997, p. 99-102.

perspectiva capitalista, o ensaio de Adorno, que na época do capitalismo do bem-estar social já caracterizava a semiformação como a forma dominante da consciência, ainda é um ponto de referência para se analisar os fenômenos semiculturais predominantes da contemporaneidade? É o que vamos tentar examinar a seguir. E, para tal, é preciso entender melhor as especificidades da forma neoliberal do capitalismo contemporâneo. Dardot e Laval, no livro *A nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* (2016), nos apresentam reflexões fecundas sobre essa questão. Para os autores, o neoliberalismo é mais que uma ideologia ou um tipo de política econômica; é um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida. No capitalismo neoliberal, a exigência de competitividade vai muito além do mercado, atinge a todos os setores da ação pública e aos domínios da vida social e individual. O Estado, mesmo não tendo um papel intervencionista direto no mercado, se torna elemento fundamental para atrair investimentos estrangeiros e contribuir para a criação de leis e projetos que levam a comprimir salários e gastos públicos, a reduzir direitos adquiridos. O elemento referencial do mercado não é o “homem de troca que faz cálculos a partir dos dados disponíveis” e, sim, o “homem de empresa, que escolhe um objetivo e se propõe a realizá-lo”. E o conhecimento utilizado “não se refere ao porquê, mas ao quanto”; é o conhecimento que se pode adquirir e utilizar de forma proveitosa para vencer os outros na competição (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 7; 139-144; 148; 199-201; 377).

A gestão empresarial atua como tecnologia de ponta estratégica nesse estágio da economia. “Todos os problemas são solucionáveis dentro do ‘espírito de gestão’ e da ‘atitude gerencial’”. A formação do “espírito de empreendedorismo” se tornou “uma prioridade dos sistemas educacionais nos países ocidentais”, baseado no postulado de que a gestão privada é mais eficaz que a gestão pública, por ser mais flexível, inovadora, menos sujeita a regras estatutárias. Como consequência, presenciamos a redução do orçamento do Estado, a supressão do maior número de agentes públicos, o enfraquecimento dos sindicatos do setor público. O Estado também é obrigado a ver a si mesmo como empresa, a reforçar a concorrência nos mercados existentes e criá-la onde ainda não existe. Cabe a ele, através de privatizações do patrimônio público e de estímulo à poupança individual, criar um elo forte e permanente entre o capital

financeiro e a gestão empresarial, conferindo um poder notório a bancos e seguradoras (idem, 2016, p. 154-155; 290-291; 300-307).

A exigência da norma da concorrência atinge diretamente até mesmos os indivíduos em sua relação consigo mesmo. A empresa se transforma em um modelo de subjetivação. Todo indivíduo é um empreendedor em potencial, cuja faculdade empresarial é despertada pela própria economia de mercado. Ele é um ser dotado de espírito comercial, atento à oportunidade de lucro; um competidor, que gosta de lutar e vencer; a competição e a rivalidade são-lhe virtudes cardeais no processo de tornar-se aquilo que ainda não o é plenamente. O indivíduo participante ativo do mercado passa a ser considerado um “produtor” e não um simples consumidor; ele passa a ser tratado como “capital humano” a ser implementado, desde a educação infantil, para que se torne lucrativo para si mesmo e para o sistema (idem, 2016, p. 31; 133-137; 145; 203-204; 215-223; 378).

Considerando a tensão entre a autonomia e a adaptação como o elemento fundamental constituinte do conceito de “formação cultural”, e contrapondo-a às normas referenciais do mercado que especificam a forma neoliberal do capitalismo vigente, como se manifesta em nosso cotidiano a ontologia da semiformação? Mantêm ela ainda uma configuração totalitária, como no ensaio de Adorno? Parece-nos que sim e de maneira mais intensiva e extensiva. Vamos nomear algumas delas.

Adorno, no ensaio de 1959, dizia que a tensão entre a autonomia e a adaptação não era uma invariante, se diferenciava de época para época por seu conteúdo e suas instituições (2010, p. 12) e que, embora o conceito de formação tivesse sido gestado no contexto inicial da burguesia, quando esta se apresentava historicamente como classe progressista, no evoluir do próprio modo de produção capitalista prevaleceu, de formas diferentes, o poder da adaptação, do conformismo, sobre os momentos de autonomia, de emancipação. A luta insana pela sobrevivência da maioria e o processo de ideologização exercido sobre ela, fez imperar o incomensurável poder do todo sobre o individual. Na *Theorie der Halbbildung*, o frankfurtiano argumentava que a sociedade inteiramente adaptada se identificaria com a mera história natural darwinista, que premia a lei, a dominação do mais forte (2010, p. 11). É em direção a essa sociedade inteiramente adaptada que o capitalismo neoliberal, pela universalização e absolutização da competitividade, está nos conduzindo. Se nos anos do capitalismo do Bem-estar social prevalecia o conformismo, no contexto de uma sociedade em

que o princípio de troca, mesmo sendo soberano, se fazia menos desumano nas questões relacionadas à educação, à saúde, à moradia, à previdência social; na economia política de hoje, predomina uma sociedade que caminha em direção a um estágio plenamente tomado pelo princípio da troca, que se nos mostra onipotente, absoluto. Se nos anos 1969, por ocasião da “nova edição alemã” da *Dialética do Esclarecimento*, o processo de transição à integração total do mundo administrado, tinha sido suspensa, mas não interrompida (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 9); em tempo de neoliberalismo, parece-nos que a retomada do mundo no sentido de sua integração total foi intensamente retomada.

Nesse contexto do espírito como que plenamente conquistado pelo fetiche da mercadoria (ADORNO, 2010, p. 25), podemos detectar as novas formas contemporâneas de como a ontologia da semiformação se manifesta. Em seu principal texto filosófico, de 1966, *Dialética Negativa*, Adorno caracterizava a dialética como “ontologia do estado falso” (2009, p. 18); é nesse estado falso, que evoluiu velozmente na realização de seu conceito, que vamos detectar algumas das atitudes e expressões semiculturais contemporâneas. Entre elas:

- as novas roupagens do conceito de autonomia. Se antes, para Kant e para Adorno, a autonomia era a faculdade de o indivíduo falar com a própria boca, ser senhor de si mesmo, atingir sua maioridade; em tempos de capitalismo neoliberal, a autonomia que o sistema espera do assalariado é que ele “dê ordem a si mesmo, se ‘autodiscipline’”, se torne um “trabalhador polivalente e flexível”, desenvolva “seu capital humano”, se transforme em um “empreendedor” bem-sucedido: que ele se adapte integralmente ao mercado. A autonomia se transforma em seu contrário. A prevalência do social sobre o individual se manifesta de forma superlativa.

A concepção da educação como investimento produtivo em vista de um rendimento individual, alcança um imenso sucesso e uma ampla difusão. Por via das organizações econômicas e financeiras internacionais, essa concepção constitui hoje, o fundamento ideológico da nova ordem educativa mundial. (LAVAL, 2004, p. 29)

- o estranho culto à inovação. A ciência e a pesquisa, desde o período do Iluminismo e, sobretudo, em tempos das novas tecnologias digitais, se desenvolveram intensamente a serviço da valorização do capital, se tornando um componente decisivo no sucesso econômico e ocupando um

espaço privilegiado na lógica do sistema. Vinculada ao conhecimento científico se encontra a inovação tecnológica. Se a sociedade e a economia se caracterizam pela inovação permanente, as escolas, à reboque da sociedade e de sua política econômica, é intimada a caminhar a passos largos nessa direção. A inovação se tornou a palavra de ordem nos estabelecimentos formativos, particularmente naqueles vinculados às ciências exatas e tecnológicas. A articulação orgânica que o capital neoliberal criou entre a pedagogia e a administração, sob a hegemonia dos gestores, facilitou e incentivou a transformação da inovação em um novo fetiche de nosso tempo e como referência da formação educativa. “Trata-se, através do aluno, de formar um inovador permanente que terá que gerenciar situações de incerteza cada vez mais numerosas”, em sua desafiadora existência como “trabalhador flexível” (idem, 2004, p. 219-220). À medida que o sistema, sustentado pela ciência e pelas novas tecnologias, avança, se desloca, novas imagens e novos ídolos vão sendo construídos para que o fundamentalismo da missão neoliberal se mantenha e se atualize com novas expressões culturais.

- a informação como medida de todas as coisas e como mercadoria por excelência na sociedade neoliberal (PUCCI, B. 2009, p. 73). Com a criação da realidade virtual e seu desenvolvimento expressivo, se instalou entre nós um mundo alternativo, em que o humano, até mesmo em sua infância, pode nele, e através dele, interagir, amar, sofrer, gozar, se comunicar, vender, comprar, pesquisar, divulgar e até ser presa fácil dos hackers e dos vírus; e não só, para muitos o virtual se tornou sua moradia, seu *refugium*, seu *habitat* permanente. “O homem de espírito está em extinção”, dizia Adorno no ensaio de 1959. Nos dias de hoje, o homem virtual está em alta. O celular, por exemplo, com suas múltiplas funcionalidades, aposentou o telefone fixo e o relógio de pulso, substituiu o despertador e as cadernetas de recados, desbancou os rádios de pilha e os faroletes, secundarizou as máquinas fotográficas e nos brinda com um novo acesso à televisão e ao futebol, nos poupa tempo e espaço na frequência às caixas eletrônicas, fez estender nossa presença e permanência em lugares longínquos, através do *email*, do *whatsApp*, do *facebook*. Caracterizam-se como pessoas em extinção os que não se utilizam desse aparelhinho cobiçado, que, em muitos casos e contextos, nos alienam de nós mesmos, encurtam nossos termos e nossas ideias, nos afastam dos que nos são próximos, fazem-nos esquecer da vida da

natureza e dos encontros presenciais. O celular tornou-se o brinquedinho corriqueiro das crianças, desde a mais tenra idade.

O sistema financeiro, atual setor de ponta do capitalismo neoliberal, foi um dos primeiros organismos da sociedade a buscar sua instalação fecunda e poderosa no ciberespaço, pois sentiu nele rapidez, segurança e lucratividade em suas transações monetárias e especulativas. Se o carro-chefe do mercado atual abandonou o velho mundo porque a nova moradia se lhe fazia mais rentável, os outros setores da sociedade, dominados por ele, se viram pressionados a fazer o mesmo para resguardar sua atualidade. E a informação digital, a todo vapor na *mídia* eletrônica, fez de nós seus servos e seus mensageiros, no levar adiante as conquistas do sistema dominante e iluminar a cidade e o campo com ideias e valores, éticos e estéticos, interessantes e úteis para que a dominação continuasse. O crescimento expressivo do agronegócio, por exemplo, o seu avanço sobre as terras públicas, incluindo as indígenas e as unidades de preservação ambiental, a predominância das canções e das duplas sertanejas no campo das artes, a robustez, a funcionalidade e a capacidade das picapes multinacionais, demonstram com exuberância a vinculação estreita desse setor expansivo da economia com o sistema financeiro dominante e com apoio explícito de nossos deputados federais e senadores, bem como das mídias dominantes. O olhar instrumental do tecnólogo e do vendedor de mercadorias virtuais invade a vida do homem na “sociedade da informação”. Nessa perspectiva,

a escola não tem mais que educar, que instruir, formar o pensamento justo. ... ela deve aprender a coletar, selecionar, tratar, memorizar “informações”. É a tecnologia que ditaria não somente novas maneiras de aprender, mas, mais profundamente novas maneiras de “pensar”, um pensar que, ao ocorrer, se identificaria mais com um “fazer” e um “comunicar” no espaço virtual e que estaria na mais perfeita continuidade com o novo ambiente profissional. (LAVAL, 2004, p. 221)

- a transformação do ócio em negócio. Adorno, na Teoria da Semiformação, dizia que “A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio” (2010, p.14). É verdade que em tempos do capitalismo tardio, os trabalhadores, após lutas sangrentas, conseguiram tempo livre para si, o descanso semanal, as férias, os feriados, que poderiam se transformar em oportunidades de formação cultural, de crescimento

espiritual e intelectual, com a leitura de bons literatos e com a audição de belas sinfonias; mas o que a indústria cultural lhes ofereceu foi preencher o seu tempo de ócio com apresentações cinematográficas, com canções e programas de rádio, com novelas, jogos esportivos, programas de auditório; “ocupou os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noite, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte ...” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 108). E hoje, em tempos do capitalismo neoliberal, o ócio, mais do que nunca transformado em negócio, continua, com mais intensidade e abundância de canais de televisão e de rádio, de chats, de redes sociais, de aplicativos digitais e outros, a ocupar, festivamente e como que integralmente, o “tempo livre do trabalhador”, com programações para todas as idades, com canções para todos os gostos, com esportes para todas as aptidões e destrezas, com livros de ajuda para todos os problemas existenciais, com pregações para todos os credos.

Em tempos de capitalismo neoliberal, a semiformação está se instalando de vez nos estabelecimentos educacionais, no interior das salas de aulas. É o que vamos apurar a seguir, através de alguns tópicos:

- Os novos valores da educação escolar: A escola, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, de 1996, estabelece a educação como “dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana”, tendo por finalidade “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A contrapelo da determinação da LDB, o tipo de escola que as reformas em curso estão propondo se inspira na educação como um investimento, e apresenta como objetivo primeiro incentivar a competitividade e o empreendedorismo do educando para sua realização plena como capital humano. E quais são os valores propugnados por esse novo tipo de educação? A escola inicial deve dotar o jovem de um “pacote de competências de base” para que ele caminhe na busca de seu sucesso pessoal. A noção de competência, que veio substituir o conceito de qualidade, designa um conhecimento diretamente voltado à ação, útil na organização produtiva. Um relatório da OCDE define algumas dessas competências, que tem por orientação básica o lema “aprender a aprender”: criatividade, iniciativa, aptidão para a resolução de problemas, flexibilidade, capacidade de adaptação, exercício de responsabilidade, aptidão ao aprendizado e à reciclagem.

Os mantenedores da escola neoliberal fazem da inserção profissional o principal fundamento da reforma que eles desejam. Mas eles não o fazem para promover o valor do trabalho, para melhor defender a dignidade dos “profissionais”, mas para melhor servir as empresas com mão de obra “adaptada”. (LAVAL, 2004, p. 49; 60; 68)

- O papel de destaque do gestor escolar: A “revolução gerencial”, que se fez estratégica e produtiva na condução de uma empresa, é assumida como modelo de orientação no sistema educativo, que se voltou para a formação de competências e que se propõe como objetivo a eficácia das atividades administrativas: gerir a escola como uma empresa. O diretor do estabelecimento de ensino deixa de ser um professor para se transformar em um gestor, um verdadeiro chefe. E como gestor de uma “missão”, assume o compromisso de realizar uma política de resultados, em relação aos quais será também avaliado por seu superior hierárquico. Ele deve usar sua influência junto a seus subordinados, os professores, para convertê-los às boas práticas e atingir os objetivos que sua “missão” lhe confiou. E para tal, deve construir uma analogia entre a empresa e a escola, traduzir a lógica educativa em uma lógica de mercado, assemelhar o aluno a um cliente, o professor a um colaborador e introduzir as normas da empresa no cotidiano da escola. Trata-se de não apenas modificar o estilo de direção, ao privilegiar certas noções de gerenciamento -- como: participação, objetivos, projeto, balanço da situação, avaliação, metas, resultados, avaliação --, mas igualmente de aprender a ler os problemas que se apresentam nas atividades escolares através do olhar da empresa privada. Trata-se também de aprender as etiquetas inovadoras que a nova função lhe outorgou, como: “No gerenciamento participativo, os chefes são animadores. Eles suscitam e dinamizam a confiança, eles mobilizam os afetos” (LAVAL, 2004, p. 257); O poder é doravante uma “gestão”, o comando é uma “mobilização”, a autoridade é uma “ajuda” (idem, 2004, p. 265); “dirigir, hoje em dia, não é mais comandar, mas motivar; não é mais vigiar, mas ajudar; não é mais impor, mas convencer; não é mais se perder na complexidade, mas delegar” (idem, 2004, p. 281-283).

- O prestígio do professor da educação fundamental: nesse novo tipo de escola que se assemelha a uma empresa, em que o aprender a aprender é a metodologia diretora, o ensino foi desbancado pela aprendizagem; o conhecimento e a informação gerados pelas novas

tecnologias potencializaram *ad infinitum* a *ratio* instrumental e se tornaram o meio apropriado para a aprendizagem dos alunos, no contexto da nova gestão da escola. Quem teve sua autoridade desfigurada foi o professor. A antiga sabedoria dos mestres, fruto de uma vida dedicada ao ensino e à formação de jovens, se tornou *demodê* diante das novas exigências do sistema empresarial escolar (PUCCI, 2009, p. 71; 75-78). Eles, os docentes, se tornaram, agora, “guias, tutores e mediadores”, que deverão colaborar com o gestor na condução objetiva da escola e no acompanhamento dos alunos no processo de sua instrução. Para isso, é necessário que o professor também se forme no espírito da empresa, que ele perceba e avalie a utilidade profissional dos cursos, das disciplinas, dos métodos de acordo com as exigências do mundo econômico, quer ele ministre uma disciplina tecnológica ou uma disciplina de formação geral. Dentro desse novo quadro da profissão de professor, o magistério tradicional vai progressivamente perdendo sua função de formar, de educar as crianças e os jovens, e assumindo as tarefas de ser “o guia discreto e disponível dos estudantes”, “o acompanhador e o treinador”, “o facilitador de uma construção, de um saber” (LAVAL, 2004, p. 53; 80). Certamente que, para formar guias e acompanhantes das crianças e dos jovens, não serão mais necessários quatro anos de estudos universitários, em um curso de graduação, para adquirir seu diploma profissional.

- A formação enquanto um aprendizado ao longo da vida: O termo formação (*Bildung*), tão caro à tradição educacional, continua sendo utilizado pela lógica empresarial, mas no sentido invertido de sua referência inicial e histórica. Em sua utilização mais recente, a perspectiva profissional parece comandar as etapas e os rumos que levam à “formação”: o ensino escolar é visto como “formação inicial” e preparatória à formação profissional. Esta se processaria de forma integral no ensino médio e nos cursos universitários. “A escola está presente para assegurar um tipo de acumulação primitiva de capital humano” (idem, 2004, p. 46). A cultura geral continua existindo, mas ela também ganha uma nova diretiva: não deve se regular mais por motivos desinteressados e humanitários, pois isso é muito genérico, e sim para constituir uma base de competências necessárias ao trabalhador polivalente e flexível. Nesse sentido, não só a educação escolar deve ser responsável por essa atividade formativa; a própria empresa deve procurar tornar-se uma organização “qualificante” ou “que ensina”, para que seu profissional atinja a autonomia controlada que se espera dele. A maior parte dos alunos deverá

“aprender a viver em uma comunidade mais ou menos ampla com estruturas hierarquizadas, cuja atividade é subentendida pela persecução de um objetivo de realização: produzir e vender mais, aumentar o lucro, ampliar a fatia de mercado, criar novos produtos” (idem, 2004, p. 45-47; 80). A noção “aprendizado ao longo da vida”, se, historicamente, alimentava uma das necessidades vitais do ser humano em seu percurso existencial, a experiência da aprendizagem, nos horizontes da lógica empresarial, associada às noções de eficácia, performance e competência, restringe suas aspirações à busca insana de um saber útil e prático a serviço de interesses restritos.

* * * * *

Em tempos de capitalismo neoliberal, do duplo caráter constituinte do conceito de Formação (*Bildung*) prevalece, de maneira soberana e como que exclusiva, a hipóstase da integração, do conformismo, da adaptação ao mercado. E mais ainda, a semiformação parece ter assumido a forma de sistema, de uma organização fechada e coesa, que invade todos os setores da sociedade: o econômico, o mediático, o cultural, o tempo livre, o esportivo, o espiritual, o psicológico, o virtual. E a educação escolar se tornou uma de suas presas prediletas! Parafraseando Adorno, tal como um “ventre que se tornou espírito”, de maneira furiosa, a tudo quer devorar, pois o sistema não tolera nada fora de seu círculo mágico (idem, 2010, p. 27-29).

Adorno, no ensaio de 1959, depois de caracterizar a semiformação como “a onipresença do espírito alienado”, “como o espírito conquistado pelo fetiche da mercadoria”, “como forma dominante da consciência atual”, enquanto crítico agudo da sociedade, e, ao mesmo tempo, na esperança de dias melhores, assim se expressava: “No entanto, como a integração é ideologia, é também – por ser ideologia – frágil, desmoronável” (2010, p. 17). E não só. Ao final do último parágrafo do ensaio, embora admitindo estarmos sob o domínio do anacronismo ao agarramo-nos com firmeza ao conceito de formação, depois que a sociedade já o tinha privado de sua base, o frankfurtiano insiste: “a única possibilidade de sobrevivência que resta à formação é a autorreflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente aquela se transformou” (idem, 2010, p. 39).

Cerca de sessenta anos depois, o que a realidade social em que vivemos nos mostrou foi que a semiformação, em tempos de capitalismo neoliberal, se tornou mais do que uma ideologia, se tornou um *modus*

vivendi, um *modus operandi*, que avança seus tentáculos em todas as dimensões do social e do individual. Talvez a “autorreflexão crítica sobre a semiformação”, proposta por Adorno e feita até agora, não tenha sido suficiente para fazê-la desmorronar-se. Mas isso não significa que ela, a semiformação, não seja desmorronável. Laval (2004) nos mostra algumas contradições do sistema, resistências à escola como empresa e alternativas na luta contra as manifestações totalitárias da semiformação. Para ele, “se a transformação neoliberal da escola pública está bem iniciada, não está terminada e nem é, de resto, inevitável” (idem, 2004, p. 315)

De fato, a escola atual, sob a invasão da lógica do mercado, é atravessada por inúmeras contradições culturais que se manifestam em todos os níveis e geram múltiplas tensões em seu interior, pois a imposição, de fora, dos parâmetros mercantis se contrapõe aos valores éticos e políticos que fazem parte de sua história republicana e ataca as virtudes que estão no coração da arte de ensinar e do sentido do aprender. Além de que a intensificação da concorrência nos recintos escolares dá origem à luta de todos contra todos, reparte os pais, os alunos, os professores e os gestores, em ganhadores e perdedores. “Nenhuma ação educativa pode se dar apenas com ‘competências’, ‘técnicas’, ‘métodos’, se esses últimos não são referidos a uma dimensão fundadora da instituição ... que seja o horizonte comum dos educadores e dos educandos” (LAVAL, 2004, p. 291; 300; 312).

Inúmeras formas de resistência à globalização neoliberal que se manifestam nas instituições educacionais têm acontecido em nosso país, provocadas especialmente contra a mercantilização do ensino superior e contra a atuação das organizações privadas nos estabelecimentos de ensino e na constituição de políticas públicas de interesse do mercado. A ocupação das escolas do ensino fundamental em 2015-2016, as manifestações contra a Lei de Reforma do Ensino Médio, contra o movimento Escola sem Partido, em diversas cidades e capitais, as marchas da SBPC contra o corte de verbas à pesquisa, são algumas dessas expressões de resistência. Mas são reações ainda incipientes e frágeis em contraposição aos efeitos segregacionistas e devastadores do ideal neoliberal na esfera educacional.

Contra a ação organizada dos agentes neoliberais que consideram as instituições, públicas como apêndice do capital, a serviço da máquina econômica, é necessário defender, com estudos, pesquisas e intervenções políticas, a autonomia da escola, como instituição formativa do

trabalhador qualificado e do cidadão responsável. Reduzir o ensino geral e profissional apenas às competências úteis às empresas é um atentado político contra a liberdade de pensamento e a favor do aprofundamento das desigualdades sociais. Para impedir que a educação se torne cada vez mais uma mercadoria e que a semiformação se manifeste como uma “configuração totalitária” da sociedade atual, é preciso impor um recuo dos interesses privados e da ideologia gerencial que hoje em dia colonizam a escola. “Mas isso supõe a reafirmação de que o eixo central da escola não é, e não deve ser, a adaptação à sociedade de mercado, salvo se renegar suas opiniões, obedecendo a lógicas e restrições que não são aquelas da verdade e do conhecimento” (LAVAL, 2004, p.153-154; p. 321).

A crise da formação cultural atingiu seu ápice na sociedade neoliberal; a semiformação é sua expressão primeira e sua roupagem inovadora e universal. É preciso tomar consciência dessa verdade e usar da força da negação e da intervenção na tentativa de lutar, em conjunto, pela formação e de construir um mundo mais humano, menos desigual e mais solidário. Pois,

A vida, modelada até as últimas ramificações pelo princípio da equivalência, esgota-se na reprodução de si mesma, na reiteração do sistema, e suas exigências descarregam-se sobre os indivíduos tão dura e despoticamente que cada um deles não pode manter-se firme contra elas como condutor de sua própria vida, nem incorporá-las como algo específico da condição humana. (ADORNO, 2010, p. 24)

Referências

- ADORNO, Theodor W. Capitalismo Tardio ou Sociedade Industrial. In COHN, Gabriel. *Theodor W. Adorno*. Sociologia. Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Ática, 1986a, p. 62-75.
- _____. Sobre Música Popular. In COHN, Gabriel. *Theodor W. Adorno*. Sociologia. Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Ática, 1986b, p. 115-146.
- _____. *Minima Moralia*. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- _____. O Fetichismo da Música e a Regressão da Audição. In *Os Pensadores: Theodor W. Adorno*. Textos Escolhidos. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Editora Nova Cultura Limitada, 1999, p. 65-108.

- _____. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.
- _____. Teoria da Semiformação. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. In PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio; LASTÓRIA, Luiz A. (Orgs.). *Teoria Crítica e Inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2010, p. 7-40.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.
- CLAUSSEN, Detlev. Catástrofes Civilizatórias, Experiência e Teoria Crítica da Sociedade. In ZAMORA, José A.; MATE, Reyes; MAISO, Jordi. *Las Víctimas Como Precio Necesario*. Madrid: Editorial Trotta, 2016, p. 15-32.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo*: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016 (Estado de Sítio).
- LAVAL, Christian. *A Escola não é uma empresa*. O neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Trad. de Maria Luíza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Editora Planta, 2004.
- PUCCI, Bruno. Teoria da Semicultura: elementos para uma proposta educacional. In *Reflexão e Ação*. Vol. 3, n.1-2 (jan.dez.). Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1995.
- _____. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio; RAMOS-de-OLIVEIRA, Newton (Orgs.). *A Educação Danificada: contribuições à Teoria Crítica da Educação*. Petrópolis: Editora VOZES, 1997, p. 89-116.
- _____. A Escola e a Semiformação mediada pelas novas tecnologias. In PUCCI, Bruno; ALMEIDA, Jorge de; LASTÓRIA, Luiz A. (Orgs.). *Experiência Formativa & Emancipação*. São Paulo: Nankin Editorial, 2009, p. 69-80.
- ROSE, Rosa S. *El Misterioso caso alemán*: um intento de compreender Alemanha a través de sus letras. Barcelona: Alba Editorial, 2007.

Endereço postal:

Programa de Pós-Graduação em Educação UNIMEP

Rodovia do açúcar, Km 156 - Taquaral, Piracicaba – SP, Brasil

Data de recebimento: 23/05/2018

Data de aceite: 17/09/2018